



VOZ DO SANTUÁRIO

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

Propriedade da Irmandade de Nossa Senhora das Preces	Director e Editor P.º Mário Oliveira de Brito	Redacção e Administração Aldeia das Dez — Oliveira do Hospital Comp. e Imp.: «Gráfica de Coimbra» Bairro de S. José, 2—Coimbra—Telef. 2857
--	---	--

Irmandade de Nossa Senhora das Preces

A Irmandade de Nossa Senhora das Preces deve ter sido fundada no princípio do século XVIII, precisamente no período áureo de maior fervor religioso.

Nenhum documento anterior a 1721 lhe faz qualquer referência e a «Informação Paroquial» de 1721 destinada à Academia Real da História diz que «a capela da Senhora das Preces era do Rev.º Cabido», certamente porque a esse tempo ainda a Irmandade não existia.

Os estatutos mais antigos que se conhecem são de 1886, mas temos a certeza de que antes destes houve outros estatutos, pois que o livro das Matrículas mais antigo que temos em nosso poder começa com assentos de 1850 e já antes desta data havia muitos irmãos.

Além disso que os estatutos de 1886 são uma reforma doutros anteriores diz-no-lo um documento anexo aos estatutos o qual diz o seguinte: «Aos sete dias do mês de novembro de mil oitocentos e oitenta e seis, na igreja paroquial da Aldeia das Dez, concelho de Oliveira do Hospital, sob a presidência de Joaquim António da Costa reuniu-se em assembleia geral a irmandade de Nossa Senhora das Preces, erecta no Vale de Maceira para discutir os presentes estatutos, afim de legalizar a sua organização». Depois seguem-se nada menos de 193 assinaturas de irmãos presentes.

Estes estatutos foram reformados depois em 1912 e mais tarde para ficarem em harmonia com as leis da Igreja foram novamente reformados em 1922, a 22 de Janeiro.

Por alturas de 1860 tinha esta Irmandade muitos irmãos, contando alguns de fora da freguesia. No livro das Matrículas podemos ainda hoje ver as entradas de pessoas de longes terras, tais como: do Carregal do Sal, Poiães, Folques, Pedrogam Grande e Pedrogam Pequeno, Sertã, Oleiros, Penamacor, Covilhã, Táboa, Tortozendo, e de todas as freguesias circunvizinhas: Vide, Piodam, Pomares, Vila Pouca, etc., o que nos indica que nessa altura era uma grande honra pertencer à Irmandade de Nossa Senhora das Preces e que a mesma Irmandade gosava de grande prestígio.

Hoje infelizmente por vários e

avariados motivos a Irmandade tem apenas uns 45 irmãos.

É pena que toda a freguesia não saiba corresponder à honra que Nossa Senhora lhe deu escolhendo-a para seu trono e para o seu Santuário.

Os homens de hoje parece não terem o amor das coisas da sua terra e muito menos o verdadeiro amor a Nossa Senhora.

AS PINTURAS DO TECTO DA SACRISTIA

Uma página de teologia dogmática



Desenho da pintura do tecto da sacristia da igreja da Senhora das Preces

De entre todas as pinturas da igreja de Nossa Senhora das Preces, a mais valiosa, a mais interessante, a mais expressiva é, com certeza a do tecto da sacristia.

Em toda a volta há um friso de medalhões, onde estão pintados os evangelistas e outros Apóstolos, e no centro o assunto principal. Este é constituído pelas seguintes figuras:

No centro do quadro, o Papa, sentado, revestido com as vestes pontificais e coroado com a tiara, segurando com a mão esquerda o livro das escrituras, e com a direita segurando a cruz de três braços.

Atenção!!

Jubileu do Ano Santo

O Jubileu continua a lucrar-se até à meia noite do próximo dia 31 de Dezembro. Assim respondem de Roma. As solenidades de Fátima foram apenas o «epílogo oficial» do Jubileu, como se exprimia «L'Osservatore Romano» de 27 de Setembro p. p.

O divertimento honesto deve principiar por realizar-se à luz do dia. Fugir das trevas.

A noite é destinada ao repouso. O homem precisa de refazer-se, durante a noite, das energias gastas de dia.

As forças do homem não são inexgotáveis.

O Criador foi infinitamente sábio dispoñdo a natureza de tal modo que ela mesma pelas condições que pro-

porciona ao homem, o convida a buscar o que necessita.

O homem não é um animal nocturno como por exemplo o morcego, cujos órgãos visuais só realizam plenamente o seu fim na penumbra.

O homem precisa de luz.

Para que há-de pois fugir da luz e procurar a treva? Para que trocar o dia pela noite?

Se o divertimento é honesto, porque saberá melhor realizá-lo de noite com prejuizo da própria saúde?

Porque não há-de ser de dia?

Porque não hão-de os nossos divertimentos públicos realizar-se de dia, à tarde, e, descendo a noite, retirar-se cada um para suas casas para descansar e no outro dia estar preparado para o trabalho?

Haveria menos alegria por isso?

Menor alegria não havia, pelo contrário, haveria mais. O que haveria é menos pouca vergonha, menos ocasiões de ruína moral para tantas almas que se deixam seduzir descuidadamente.

Isto é que nos faz pena.

Por isto é que nós andamos por aqui clamando estas verdades.

Inimigos dos divertimentos lícitos e honestos? Não.

Inimigos sim da imoralidade, do vício, que se pratica tão livremente em grande número desses divertimentos que, em vez de contribuirem para aliviar o peso da vida ao homem sobre a terra, só servem para o sobrecarregar com o remorso de cada dia se desviar mais do caminho recto da Verdade.

Peregrinação de Pomares à Senhora das Preces

Com o fim de ganhar as indulgências do Ano Santo, no dia 7 de Outubro veio à Senhora das Preces uma grande peregrinação da freguesia de Pomares, presidida pelo Ex.º Sr. P.º João Antunes da Costa, arcepreste de Pomares.

Na peregrinação tomaram parte a Irmandade de Santa Luzia, Cruzada Eucarística, Apostolado da Oração e muitas centenas de pessoas.

Não admira que a peregrinação tivesse bastante luzimento pois que a freguesia de Pomares é das mais amigas da Nossa Senhora das Preces. Raro é o dia em que de Pomares não vem alguém à Senhora das Preces cumprir suas promessas. Freguesia assim por certo terá as suas bênçãos.

Que todas as freguesias lhe sigam o exemplo são os nossos votos.

(Continua na 2.ª pág.)

Conversando

O compadre João do Vale dá licença?...

— Ora essa com muito prazer. Faça favor de entrar e vamos assar umas castanhas e beber uma pinguita, pois o tempo vai bom para isto.

— É verdade, compadre João do Vale, o tempo não vai muito bom para as colheitas e sobretudo para as secas do milho.

— Então que lhe havemos de fazer; o tempo anda à vontade de Deus. Mas haja saúde e tudo se fará.

— Pois diz bem compadre; eu muito gosto de o ouvir.

— Eu também gostava muito das castanhas mas ainda não as vi...

— A minha Leocádia já as foi buscar e é num instante. O compadre leu a «Voz do Santuário» do mês passado?

— Ora essa, do princípio ao fim.

— Pois vinha lá um artigo dum tal senhor Anibal Mendes que me encheu as medidas. Sim senhor. A gente até fica a gostar daquilo e olhe que é mesmo assim.

Há muita gente que se diz católica mas nem sequer põe os pés na igreja e se os lá põe é só lá por festa e para pegar nas varas do pálio... que lá de missa e do resto temos conversado...

— Ora vamos às castanhas enquanto estão quentes e vamos desenferrujando a língua.

— Pois, com a breca, o homem tem razão. Isto de ser católico e não cumprir as leis de Deus e da Igreja é querer ser marinheiro sem pôr os pés no mar. Por qualquer coisa se desculpa para não irem à missa que é o acto mais solene da nossa Santa Religião. Uma vez por que está frio, outras porque está calor. Hoje por estar a chover, amanhã por estar vento. Uma vez porque há visitas, outras porque é preciso sair. Enfim por tudo e por nada se falta ao cumprimento dos deveres de cristão e de católico.

— O compadre, que diz à pinguita?

— Uma maravilha, uma pinga de estalo, ainda do velho e muito saboroso, é uma delícia.

— Pois como ia dizendo, os nossos

Hoje não se almoça?

Um rapaz que era bom cristão foi para a tropa e lá, com o convívio de camaradas sem religião, tornou-se pior de que eles.

Voltou para a sua terra e, com grande máguia da mãe, o rapaz não queria ir à missa ao domingo como é obrigação.

Para quê, minha mãe? Ou eu vou para o céu ou não. Se tenho de ir para o céu, irei mesmo sem ir à missa; se o meu destino é ir para o inferno, de nada me vale ir à missa. Portanto não vale a pena estar a incomodar-me.

A mãe calou-se, foi só à missa, voltou para casa e não fez o almoço.

Já tarde, o filho admirado disse:

— Mãe! então hoje não se almoça?

— Não te sei dizer, filho!

— Não sabe? Então não me fez o almoço?

— Não. Estive cá a deitar as minhas contas: ou nós temos de almoçar ou não. Se temos, ele aparecerá; se não temos, de nada me vale estar a fazê-lo.

O filho compreendeu a lição, e nunca mais faltou à missa.

católicos deixam muito a desejar. Isto de se ir à missa e à igreja e ao sarmão e à confissão, só quando nos apetece não é convicção religiosa, não é viver os mandamentos, não é cumprir a lei nem cumprir a vontade de Deus. É fazer aquilo que nos apraz e dá na real gana. E é por isso que as nossas igrejas ficam muitas vezes quase vazias.

— O compadre, porque será que os católicos serão assim relaxados?

— Olhe, eu creio que é para agradarem a Deus e ao demónio, como muitos dizem: Deus é bom mas o diabo também não é mau. É querer agradar a gregos e troianos e sabe ainda porquê? Porque se deixam levar e arrastar pelo respeito humano.

— Olhe que as castanhas estão a acabar...

— Pois não faz mal, mas como ia dizendo eu admiro os protestantes porque são mais cumpridores da sua lei. Os judeus são rigorosíssimos em todos os pormenores, os maometanos não estão com meias medidas: em toda a parte na rua ou em viagem, esteja quem estiver, às suas horas marcadas viram-se para Meca e pronto. Só os católicos por pertencerem à verdadeira Religião é que tímbram pela sua indiferença e pelo seu relaxamento.

— Sabe compadre é que julgam que não-de ir para o céu de carrinho...

— Que se ponham a dormir e depois que esperem que o S. Pedro lhe abra as portas do céu.

— O compadre, olhe que já não há mais castanhas.

— Pois então também não há mais conversa. Até qualquer dia; se Deus quiser.

ACREDITE SE QUIZER...

O leque actual fez a sua primeira aparição em princípios do século XVII.

A luva é a única parte de vestimenta que está em uso desde os tempos do homem das cavernas. Dos variados empregos a que foi destinada através das idades, um dos mais importantes, foi para o seu uso à mesa, antes que este ornamento se generalizasse, pois os convivas usavam as luvas para que os alimentos quentes não queimassem os seus dedos, já que era completamente desconhecido o uso dos talheres.

Existem várias maneiras de jurar: para prestar juramento ante um tribunal inglês, a testemunha beija a Bíblia; em França pende um crucifixo ao pescoço do juiz, e jura-se dirigindo a mão direita para a cruz; os maometanos juram pelo Alcorão e inclinam-se respeitosamente, até tocar com a fronte o livro sagrado aberto diante deles.

Um professor japonês descobriu que podem ser eliminados todos os perigosos parasitas que ameaçam os bichos da seda, tocando um gramofone no local onde se encontram os bichos. Parece que, ouvindo a música, os parasitas penetram no

As pinturas do tecto da sacristia

(Continuado da 1.ª pág.)

senta as chaves, símbolo do poder que deu à Igreja de abrir as portas do reino do céu, e com a esquerda segura a mesma cruz que está na mão do Papa, a qual exerce as funções de cetro. Assim se mostra como o Papa é o Vigário de Cristo, com os mesmos poderes de Cristo para governar e reger os fieis. Por baixo dois anjos mos-

Alvoco das Várzeas

30 de Outubro

Com as reconstruções recentes dos prédios de habitação pertencentes aos Senhores Cassiano da Silva Mendes, Albano do Amaral, António Moreira Vicente e Acácio Dias Mendes, o bairro do Outeiro apresenta-se mais atraente com o seu casario branco ainda mais valorizado com a abertura da estrada para a Carvalha.

— Está a tratar-se da limpeza e asseio do cemitério que oferecia um aspecto desolador. Agora que o cemitério da nossa freguesia é tão visitado em virtude de nele se encontrarem os restos mortais do saudoso Dr. Agostinho Antunes devia merecer da Entidade competente maior desvelo.

Bom seria que todos os alvocenses numa atitude que muito os dignificaria, exigissem reparação condigna pelo lugar onde se encontram seus maiores.

— Foi arrematado a terraplanagem e nivelamento do campo de jogos que brevemente será concluído. No próximo número daremos publicidade a alguns donativos para as despesas já efectuadas.

corpo dos bichos da sede e morrem asfixiados, sem causar com isso dano algum.

A maioria das pessoas persiste em acreditar que a garganta das baleias é tão apertada que somente deixa passar pequenos peixes; porém há alguns anos foi morta uma baleia em cujo estômago foi encontrado um tubarão inteirinho com cinco metros de comprimento.

Os camelos quando estão com sede em pleno deserto, adquirem um olfacto incrível para a água. Deram-se casos em que deixando-os a seu bel prazer, levavam caravanas extraviadas em linha recta até a um oásis que se encontrava a mais de cincoenta quilómetros de distância.

O «boomerang» é uma arma muito notável, em uso em certas tribus selvagens da Austrália; muitos museus guardam em suas vitrines exemplos dela. Esta arma consiste num pau angular um pouco aplainado, e apresenta a curiosa característica de voltar aos pés do caçador, depois de ter efectuado uma trajectória curva mais ou menos complicada.

EUGÉNIO CARVALHEIRA

tram as duas tábuas dos mandamentos, e uma legenda que diz: ATTENDITE POPULE MEUS LEGEM MEAM. Povo meu, escutai a minha lei. É uma parte do versículo 1 do salmo 77. Neste salmo, que é um dos maiores, pois tem 72 versículos, o autor sagrado incita o povo ao cumprimento da lei, e, para melhor conseguir o seu intento, passa em revista os inúmeros benefícios que Deus tinha concedido ao povo de Israel, benefícios que vinham sendo e deviam continuar a ser transmitidos oralmente de geração em geração.

Ao cimo do quadro uma pomba, símbolo do Espírito Santo, paira sobre a figuração do Papa, irradiando a sua luz divina. Assim se mostra a assistência que é prestada ao Papa e à Igreja pelo Espírito Santo, para que a Igreja e o Papa não possam errar em matéria de fé e de costumes.

Por baixo há uma legenda maior onde se lê: ECCLESIA DEI VIVI COLUMN ET FIRMAMENTUM VERITATIS Ad Timot. I, C. 3. A Igreja de Deus (é) coluna e fundamento da verdade.

Esta frase é tirada de S. Paulo, 1.ª epístola ao seu discípulo Timóteo, capítulo III, versículo 15. O Apóstolo, para incitar o discípulo a servir com zelo e entusiasmo a Igreja, diz que ela é a coluna e o fundamento da verdade. É a coluna, à maneira daquelas fortes colunas de mármore que sustentam o tecto dos grandes edifícios; é o fundamento ou alicerce sólido em que todo o edifício se apoia. Estas expressões descrevem admiravelmente o papel desempenhado pela Igreja, destinada por Deus a manter através dos séculos a verdade evangélica em toda a sua pureza e em todo o seu esplendor.

De tudo isto concluímos que estamos diante duma bela ilustração da infalibilidade pontificia, ilustração tanto mais valiosa, quanto é certo ser anterior à definição dogmática proferida pelo Concílio do Vaticano de 1870.

Isto mostra o que aliás é sabido: que a infalibilidade pontificia foi sempre reconhecida na Igreja, designadamente entre o povo.

P.º Augusto Nunes Pereira

ANEDOTA

Foi na corte de Filipe II rei de Nápoles. Frequentavam o paço certo cortesão e um general. Génios e ofícios opostos, nunca houve meio de os congregar.

Uma noite dava o rei audiência e o cortesão, ao entrar na sala, sem reparar ajoelhou-se reverentemente diante do general, tomando-o pelo rei. Soou estrídula gargalhada.

Dali a pouco foi-se à sala de jogo e o rei jogava o xadrez com o general. A certa altura este, atrapalhado, pergunta ao cortesão que lhe estava ao pé, que figura devia jogar.

— Eu jogaria este rei, respondeu, apontando um cavalo.

— Este rei? Mas não vê S. Senhoria que isso é um cavalo?

— É verdade. É a segunda vez que hoje tomo um cavalo por um rei.

O homem do violino Várias notícias

Não era má pessoa. Tinha o nome em todas as Associações, fazia parte de quantas comissões se organizavam em prol da caridade ou do culto, tinha o retrato em vários hospitais e creches, o seu nome aparecia frequentemente em letra redonda nas colunas dos jornais, aureolado com o rótulo espantoso da filantropia. Não faltava uma segunda-feira à Missa das Almas nem uma sexta à das Dores. Na rua sentia especial prazer em ser cortejado por toda a gente, nunca deixando de corresponder com uma respeitável chapelada.

O que mais amava, porém, neste mundo, era o seu violino.

Era músico. A sua maior glória era fazer vibrar as paredes das igrejas e dos teatros com os repeniques tremidos do violino, que não trocava por coisa nenhuma da terra... nem talvez do céu... Em todas as festas, cafés, casinos, salões e teatros da cidade, assim como por muitas léguas em redondo, o nome de X. C. de M. enchia; e isto valia para ele minas de ouro...

Fraquezas do coração humano, muito naturais desde Adão, se bem que nada sobrenaturais...

Um dia morreu e foi bater à porta do Céu. S. Pedro correu o enorme ferrolho de ouro e deparou com um respeitável cavalheiro todo empertigado, colarinho alto e punhos tesos,

casaco de rabona e colete branco, sobraçando um luzido violino.

— Então que deseja?

— Não me conhece? X. C. de M., 1.º violino, um criado de Vossa Celestial Paternidade, oferece os seus fracos préstimos.

S. Pedro abriu o grande livro dos eleitos sobre uma mesa e fartou-se de folhear.

— Não está cá o seu nome.

— Ora essa! Já viu na letra X?

— Do princípio ao fim. O senhor não é daqui.

— Mas como? Um músico que nunca deixou de celebrar as glórias do Senhor? E até toquei em muitas festas de Vossa Celestial Paternidade, Sr. S. Pedro.

— Não prova nada... Vou ver no livro *Deve-Haver*.

...Cá está, X. C. de M. Mas... Deus não lhe deve nada... Ui! o senhor é que tem aqui umas dívidas formidáveis!...

O pobre músico de enfiado, deixou cair o violino.

— Faltas de missa...

— Perdão... eu ia... todas as segundas e sextas-feiras...

— Mas no domingo está em aberto.

— Já muitas vezes...

— Mas pago a peso de ouro. Quer ouvir? 30 escudos... 40... 50... 200 escudos até, duma vez.

E com a agravante de sair sempre para fora da igreja durante o sermão.

Mais: nem confissão, nem comunhão pascal conforme manda a Santa Igreja.

— Não tinha... pecados...

— Veremos.

E voltou a folhar.

— Leia aqui...

O violinista, atordoado, caiu de joelhos e começou a chorar.

— Mas... dei muitas esmolas... a hospitais... associações... festas...

Está tudo pago, vê? Era por amor da vanglória. Deus só paga o que é feito por amor dEle...

— O meu violino... era... por amor... dEle...

— Falso! o seu violino foi que o desorientou... pelo orgulho, pelo apego à terra e desprezo do Céu...

E com um pontapé arrojou o violino para o espaço...

E X. foi levado pelos Anjos à presença do Supremo Juiz dos vivos e mortos para ser julgado segundo as suas obras.

ÂNGELO

Sabeis quem sou?

A ruína dos grandes proprietários;
A perdição das gentes remediadas;
O naufrágio dos pobres;
A maior tentação das mulheres pobres;

O pai da luxúria;
A morte dos lares;
O grande pesadelo dos maridos;
A ruína dos maiores capitalistas;
A chave que abre a porta de tanto coração feminino;

Sou eu o preço com que se compra tanta inocência;

Sou o inimigo da paz no lar;

Sou o demónio que atrai os grandes castigos do céu: A causa do dilúvio, do desaparecimento da Babilónia, Nínive, Roma, Grécia, Cartago...

Sou o demónio que afervora os maus desejos,

que leva o desespero ao coração de muito pobre,

que acicata a concupiscência da carne,

que leva ao templo de Deus muitos

Festa de casamento que termina com três funerais

Uma festa de casamento, em Taboquinho, terminou com três mortes, um dos quais o noivo e o outro o pai da noiva.

A certa altura da festa, o sogro do recém-casado, o fazendeiro Sebastião Gonçalves de Oliveira, começou a discutir com o genro, por motivos fúteis. A discussão azeudou-se e a certa altura, ante o espanto geral, o noivo, Geraldo Moura, sacou de uma pistola e disparou sobre o sogro, que, acto contínuo, disparou também. Já agonizante, o noivo voltou a disparar, tentando mais uma vez atingir o sogro, mas a bala foi matar um convidado.

A festa de casamento terminou, assim, trágicamente, com a morte do noivo, do pai da noiva e de um convidado.

Morto por um elefante solitário

Numa plantação de sisal do Norte de Moçambique, o europeu Gustavo de Bivar Pinto Lopes, de 35 anos, orientava o trabalho de uma equipa de indígenas. De súbito rugiu o elefante solitário. Enquanto os indígenas, tomados de pânico debandavam em todas as direcções, Pinto Lopes, que estava armado de uma espingarda de pequeno calibre, imprópria para a caça ao elefante, defrontou a fera e fez fogo. O elefante ficou ferido, mas prosseguiu na aometida. O cadáver de Pinto Lopes foi encontrado, horas depois, terrivelmente esmagado.

Uma águia foi morta por um rapaz quando ia arrebatá-la uma criança de quatro anos

Armand Lacaze, rapaz de 11 anos, relatou como salvou de uma águia a sua sobrinha Pierrette, de 4 anos.

As crianças estavam num bosque, próximo de Saint Guadens, nas vertentes dos Pireneus, quando uma águia se lançou sobre a rapariga. O rapaz agarrou a águia e lutou com ela, que lhe rasgou o fato e mordeu os braços. No fim, matou-a com uma pedra.

A águia tinha uma envergadura de 1,64 metros.

Uma divorciada foi condenada a pagar uma pensão ao antigo marido

Pela primeira vez na história da Califórnia, uma esposa, ao ser decretado o divórcio, foi condenada a pagar uma pensão mensal ao marido, consequência de uma lei estadual recentemente aprovada e que reconhece aos maridos de se-

miseráveis que só nele procuram o pecado,

que rouba o tempo todo a milhares de senhoras,

que tem adoradores em toda a parte: nos salões mundanos, nas festas de caridade e até nos lugares de oração, que leva ao inferno almas aos milhares.

Sou tudo isto e ainda mais. Toda-via os homens chamam-me um nome pequenino — o **luxo**.

nhoras com consideráveis meios de fortuna o direito de exigirem pensões em caso de divórcio reclamado pelas consortes sem motivo justificado.

O feliz favorecido pela sentença, Jacob Salomão, de 67 anos, a quem a ex-mulher terá de pagar uma pensão de 1.500 dólares mensais, depois de 47 anos de vida conjugal sem sombras, declarou:

«Assim, sempre poderei ao menos viver com o conforto a que ela me habituou».

Peregrinação de paraquedistas franceses ao Santuário de S. Miguel

Durante uma peregrinação de paraquedistas franceses ao Santuário do seu patrono, S. Miguel, na Abadia do Monte de S. Miguel, grande parte dos peregrinos desceu dos céus, em paraquedas, sobre as areias da costa, próximo da Abadia. Presidiu às cerimónias religiosas da peregrinação, a que assistiram outros dez preladados, o Arcebispo de Rennes.

Correu-lhes mal o negócio...

Durante as recentes cerimónias de Fátima, a Polícia Judiciária, que deslocou para ali 20 agentes, prendeu em flagrante delito a carteirista Engrácia da Cruz do Vale, de Braga; os espanhóis Eduardo Martinez Limia e Artur Pomarol; e o cadastrado António Torres Lima, o «Janeiro», que andavam à «caça» das carteiras. Os presos encontram-se no Toren.

A Nossa Senhora das Preces

*Todo o mundo enfermo
Diante de vós aparece,
Rogando-vos sua saúde
A enfermidade desaparece.*

*Chovem graças e bênçãos
Aos rogos de Maria
Os pecadores se convertem
Em todas as horas do dia.*

*Pasma a terra, pasmam os céus.
Pasma a celeste gerarquia
Vendo os raros prodígios
Da gloriosa Virgem Maria.*

*Não há enfermidade alguma
Por mais que seja perigosa,
Que interpondo-se Maria
Não haja uma pronta melhora.*

*Os doentes saram e melhoram
Mesmo na última agonia,
Procurando com zelo e fervor
O socorro da Virgem Maria.*

*Os milagres são continuos,
Nós os cantemos com alegria
Os doentes o experimentam
Fazendo súplicas a Maria.*

*Por toda a parte voa a fama
Dos milagres de Maria,
E por isso as pressas correm
Dos fieis com alegria.*

*Não embarça o tempo,
Nem qualquer rigor da estação;
Correm ao Mosteiro das Pressas
Com zelo, fervor e devoção.*

*Louvemos todos a Maria
Que é da Trindade templo
Dos anjos a alegria
E da pobreza o exemplo.*

O canto da tristeza

I

Um lindo rouxinol passava o dia
Por entre as folhas verdes do arvoredor;
E o passarinho alegre assim vivia,
Saltando das ramagens p'ró rochedo.

II

Cantava alegremente, com ternura,
Nas matinas e noites de luar;
Que encanto, santo Deus, e que doçura
Tinha, do rouxinol, o seu cantar!

III

E quando Apolo, em messe de harmonia,
Detinha o camponês em oração,
O rouxinol vibrava de alegria,
Levava a brisa, sideral canção.

IV

Assim vivia conquistando o espaço
O rouxinol — alado cantor; —
Até que, um dia, foi cair no laço,
O lindo filho da campina em flor.

V

E radiante, o caçador — criança —
O lindo pássaro ao seu pai mostrou;
Em estreita prisão o cativo lança
Mudo e triste o cantor ali ficou.

VI

Mas o paizinho que é bom e sisudo
Disse ao filhinho: — cumpre a caridade;
Não vês que tens o passarinho mudo?
Definha e morre de cruel saudade!...

VII

O pequeno, contente assim falou,
Por ignorar que a liberdade é lei:
— Mas... o meu passarinho já cantou
E até comeu o alpista que eu lhe dei...

VIII

— Criança, — o teu bonito rouxinol,
— Esse filho da linda Natureza,
— Esse trabalhador de sol a sol
Cantou, sim! Foi o CANTO DA TRISTEZA!

IX

Vai dar-lhe a liberdade que perdeu
P'ra o teu gozo; não o tenhas na prisão.
Filho, ele é mensageiro lá do Céu
Que anima o cavador, na solidão.

X

Foi dar a liberdade ao prisioneiro
O jovem que ao paizinho obedeceu;
E o rouxinol, pousado no salgueiro,
Com hinos de ventura, agradeceu.

ANIBAL MENDES

Judas e Pilatos

Um dos grandes atractivos de quem visita o Santuário da Senhora das Preces são as capelas com os passos da Paixão do Senhor.

Na capela dos apóstolos são as figuras deles com os braços em movimento e os rostos aflitos, revelando surpresa e indignação. Noutra é o rapaz com o cesto dos pregos servindo um facinora que pucha as cordas para levar os pés do Divino Mestre ao lugar onde serão cravados. Nesta é a figura do Mestre, serena, tranquila no meio dos insultos e ultrages da população que o conduz aos tribunais; naquela é a imagem de Nossa Senhora que apesar da sua dor imensa, como que insensível a tudo o que se passa à sua volta, acompanha o seu divino Filho ao lugar do suplicio.

Se todas estas imagens, quadros vivos da Paixão, atraem os nossos olhares e instintivamente nos fazem meditar nos grandes sofrimentos do Salvador, há no entanto duas figuras que sobressaem do conjunto e que são a encarnação da cobardia, da traição e do cinismo; Judas e Pilatos.

Judas foi um dos discípulos de Jesus que teve as mesmas provas de amizade, que presenciou os seus milagres, que o acompanhou durante três anos, que viveu este tempo na intimidade com o Mestre. Apesar disso não hesita em atraí-lo e vendê-lo por umas miseráveis moedas. Pilatos conhece a inocência de Jesus e todavia condena-o à morte.

Da varanda do seu palácio mostra-o ao povo, afirma que não lhe encontra crime que mereça castigo, mas entrega-o à população alucinada e perversa, lavando cínicamente as suas mãos do sangue daquele justo. Sim, lavou as mãos,

mas sujou mais a sua consciência.

Judas conhecia as provas de amizade e dedicação que o Mestre lhe dera sempre e serve-se dessa amizade para o entregar aos seus inimigos: aquele a quem eu der um beijo é esse, predei-o, e levai-o bem seguro.

Pilatos era inimigo fidalgo de Herodes mas, com muito prazer, fizeram naquele dia as pazes para dar cabo daquele que se dizia *Rei dos judeus*; ainda que se cometa a maior injustiça de todos os tempos.

Judas naquele momento não viu no Mestre o Amigo dedicado e fiel, viu apenas uma boa ocasião de meter no bolso umas três dúzias de moedas; Pilatos não viu o inocente que estava diante de si. Teve-me perder o trono se não fizesse a vontade ao povo.

*

Passaram os anos, rodaram os séculos, os homens desapareceram, mas ficou sempre a pairar no mundo as figuras sinistras de Judas e Pilatos como símbolos da traição, cobardia e do cinismo mais perverso.



Pilatos... o cínico



Judas... o traidor

P.^o António Alves Matoso

Na sua casa de Pisão de Coja faleceu no dia 22 de Outubro o Sr. P.^o António Alves Matoso que parouquiu esta freguesia durante vinte e seis anos.

Contava 78 anos de idade e já há bastantes meses que se encontrava doente.

A assistir ao seu funeral foram de Aldeia muitas pessoas e a Filarmónica desta freguesia, gesto que foi muito apreciado e louvado.

A «Voz do Santuário» apresenta a toda a família sentidas condolências especialmente ao Sr. João Gonçalves Matoso, grande amigo e generoso benfeitor.

No dia 30 de Outubro na igreja paroquial de Aldeia das Dez houve missa por sua alma, assistindo muitas pessoas.

Rainha Senhora D. Amélia

Com 86 anos de idade, faleceu na França a Rainha Senhora D. Amélia, esposa de D. Carlos assassinado em Lisboa em 1908.

O corpo da Rainha virá no dia 25 de Novembro para Portugal para ficar junto do marido no Panteão, de S. Vicente.

HISTÓRIA DO SANTUÁRIO de NOSSA SENHORA DAS PRECES

A venda em Coimbra na «Casa do Castelo», em Oliveira do Hospital, na casa «Júlio dos Santos» e no Santuário

O cristão na pobreza

A pobreza, de que tratamos aqui, é a carência das coisas necessárias para sustentar a vida, e pobre é, portanto, o que há-de acudir ao auxílio do próximo para não morrer. Deus repartiu diversamente os talentos; a um deu cinco a outro dois, a outro só um; e assim o fez Deus com sábio designio, pois se todos recebessem o mesmo, ninguém teria que recorrer a outrem e os homens não tratariam entre si. Onde estaria então o amor do próximo? Onde a ocasião de merecimento?

A pobreza não é desonra aos olhos de Deus; só a pobreza de virtude e boas obras nos há-de encher de confusão, porque conduz à condenação eterna.

Entre os gentios foi desonrosa a pobreza, e os pobres viram-se muitas vezes objecto de público menosprezo. Ainda os melhores entre os pagãos disseram que quem dá de comer e beber ao pobre nenhum serviço lhe faz, pois isso prolonga a sua miserável vida, e portanto perde o que com ele dispense. O próprio Platão sentenciou que era melhor deixar morrer o enfermo pobre, e que o médico não devia ter trabalho com ele. Noutro lugar chama ao pobre uma espécie animal que convém exterminar da terra. Por isso não achamos no paganismo nenhum estabelecimento para alívio dos pobres, nenhum hospital, asilo de órfãos, etc. — Mas aos olhos da eterna verdade não é desonrosa a

pobreza. Cristo mesmo, sendo rico, se fez pobre. O Rei dos céus e da terra, tendo domínio sobre todas as coisas, viveu numa pobreza constante e não teve de seu nem uma pedra para repousar a cabeça. Como nasceu pobre neste mundo! Considerai apenas o lugar onde nasceu o Salvador! — Pode alguém ser pobre de bens terrenos e contudo ser riquíssimo diante de Deus por suas virtudes e boas obras; e, ao contrário, os ricos deste mundo podem ser pobríssimos aos olhos de Deus. Só o temor de Deus é a glória do rico e do pobre. As verdadeiras riquezas não são os bens temporais, mas as virtudes. «Crê-me, meu irmão, não é rico aquele que tem as arcas cheias de ouro e prata, senão o que vive em Deus e está cheio do Espírito Santo».

FESTA DA SENHORA DAS DORES

Promovida pela direcção da Filarmónica realizou-se no dia 21 do mês de Outubro a anunciada festa em honra de Nossa Senhora das Dores.

Houve de manhã missa rezada e romagem ao cemitério, ao meio dia missa cantada e sermão, à tarde procissão e à noite até às 12 horas um pequeno arraial para divertimento do povo.

A romagem ao cemitério foi um dos números do programa que caiu bem no ânimo de toda a gente e que fez recordar aqueles cujas cinzas ali repousam à sombra da Cruz.

A pedido da própria direcção da música foi orador da festa o Rev.^o Pároco de Aldeia, grande amigo da Filarmónica e que muito agradou.

Ao meio da tarde na casa da Filarmónica houve uma sessão solene deserrando-se nessa altura várias fotografias da Filarmónica desde 1905 até hoje. Falaram o Sr. Alfredo Duarte, na qualidade de Director, o Sr. P.^o Alberto Sanches Pinto prior de Avô e o Sr. P.^o Mário Brito tendo sido ouvidos com muito respeito, sendo no final muito aplaudidos.

Em visita de cortezia e para ajudar a abrilhantar a festa veio ao meio da tarde a Filarmónica «Pátria Nova» de Côja que deixou as melhores impressões.